



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12478 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT08 - Formação de Professores

Formação de professoras negras: olhares decoloniais e insurgentes

Valcineide Santos - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Tânia Regina Dantas - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Carla Liane Nascimento dos Santos - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

FORMAÇÃO DE PROFESSORAS NEGRAS: olhares decoloniais e insurgentes

INTRODUÇÃO

O presente texto busca apresentar o recorte de uma pesquisa de abordagem qualitativa que está sendo desenvolvida durante o Doutorado em Educação e Contemporaneidade, utilizando como principais referências os estudos de Sueli Carneiro (2020), Lélia Gonzalez (2020), Nilma Lino Gomes (2018), Angela Figueiredo (2020), Patricia Hill Collins (2019), bell hooks (2017), Delory-Momberger (2004, 2012), Josso (2004, 2010), Pineau (2010, 2012), dentre outros.

Inscrita no âmbito do método (auto)biográfico, a pesquisa tem como objeto de estudo as histórias de vida e formação de seis professoras negras que atuam em diferentes espaços da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador-BA e busca responder às seguintes questões: de que maneira os marcadores sociais de raça e gênero atravessam as trajetórias de formação de professoras negras que atuam em diferentes espaços da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador? E como estas mulheres negras se constituíram professoras?

O objetivo principal consiste em compreender a partir das histórias de vida de professoras negras que atuam em diferentes espaços da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador de que maneira os marcadores sociais de raça e gênero atravessam a sua formação.

Para a realização da pesquisa foram definidos os seguintes objetivos específicos:

analisar como as professoras compreendem o seu processo de formação na sua interface enquanto mulheres negras; identificar nos percursos de vida e trajetórias de formação das professoras elementos relacionados aos marcadores sociais de raça e de gênero; relacionar os percursos de vida e trajetórias de formação das professoras negras com estratégias de resistência.

A metodologia está ancorada nos princípios teórico-metodológicos da abordagem (auto)biográfica pois, além de ter uma responsabilidade científica, tem também uma responsabilidade ética e política a partir do momento que traz para o centro, falas e olhares que foram invisibilizados em detrimento às narrativas contadas a partir de olhares e valores de uma única cultura. A pesquisa (auto)biográfica, constitui-se, portanto, como “uma nova forma de compreender o cotidiano e as vozes dos atores negadas por uma perspectiva histórica factual e centrada nos valores dos vencedores...”. (SOUZA, 2006, pág. 28).

O dispositivo de pesquisa utilizado será a entrevista (auto)biográfica por se tratar de um dispositivo que tem como objetivo acolher e ouvir em sua singularidade a fala de uma pessoa num momento de sua existência e de sua experiência, fala que vem atravessada pelo histórico, social, político, crenças coletivas fazendo dela uma dimensão constitutiva da individualidade. O que a entrevista (auto)biográfica procura dar conta é compreender e apreender a configuração singular de fatos, situações, relacionamentos, significações e interpretações que cada um de nós atribuímos a nossa própria existência.

DESENVOLVIMENTO

Por tratar-se de um recorte da pesquisa, optamos por apresentar neste trabalho algumas reflexões em torno da formação docente a partir de olhares decoloniais, para tanto, recorreremos a Walsh (2017), quando ela afirma que precisamos pensar em formas de resistir às questões ontológicas, políticas, epistêmicas e econômicas que nos foram impostas há mais de 500 anos fundamentadas em interesses geopolíticos e geoeconômicos, em critérios de raça, gênero e epistemologia.

Um pensamento que se manifesta nas diversas estratégias adotadas por grupos sociais que consideram descartáveis pessoas que destoam da perspectiva de humanidade homogênea e, também consideram selvagens e não civilizados, por exemplo, os modos como indígenas e africanos concebem a natureza, território, espiritualidade.

Um modelo de sociedade que, “suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo”. (KRENAK, 2019, p.22-23). Conforme Krenak (2019), uma ideia homogênea de humanidade. Neste sentido, torna-se indispensável assumirmos nos diversos espaços que ocupamos, e também nas nossas pesquisas, um

enfrentamento a este modelo de sociedade e poder instituídos.

Precisamos valorizar outras formas de compreender a sociedade, as relações sociais, as culturas e deixar de priorizar os saberes eurocêntricos enquanto a única ou principal forma de saber, em detrimento dos diversos saberes, histórias e formas outras de ver o mundo, a exemplo dos saberes indígenas, quilombolas e dos diferentes movimentos sociais.

Também precisamos colocar em pauta todos os movimentos de luta que estão no cotidiano das escolas, no sentido de pensar que muitas vezes prevalecem nestes espaços uma “prática homogeneizadora, que despreza as singularidades e as pluralidades existentes entre os diferentes sujeitos presentes no cotidiano escolar” (ABRAMOWICZ, 2011, p.89).

Espaços onde muitas vezes são reproduzidas práticas que negam as diferenças e diversidades, numa busca incessante pela padronização, a partir da ideia de que somos todos iguais, além da imposição de valores únicos e universais que desconsideram, conforme Abramowicz (2011), territórios, origens étnicas e culturais dos alunos e da família. Significa dizer que,

a escola se funda em uma imposição de um saber, de uma racionalidade, de uma estética, de um sujeito epistêmico único, legitimado como hegemônico, como parâmetro único de medida, de conhecimento, de aprendizagem e de formação. A partir destes parâmetros únicos de medida e da avaliação levam a classificar o “outro” como inferior, incivilizado, fracassado, repetente, bárbaro etc. Neste novo modo de ver o diferente, propõe-se a tolerância a alguns coletivos: as classes populares, os negros, os homossexuais, mas ainda os vemos como aqueles que não sabem, inferiores. Os estabelecimentos de ensino, ao lado de outras instituições, têm se empenhado no sentido de uniformização ou troca das culturas, utilizando, para tanto, padrões de raiz eurocêntrica. (ABRAMOWICZ, 2011, p.94)

É nesta perspectiva que as escolas e universidades precisam atravessar os seus muros e abrir-se à comunidade trazendo não apenas as narrativas acadêmicas, mas aquelas que foram historicamente silenciadas e excluídas, no sentido de quebrar com os paradigmas de dominação hegemônico e a partir daí construir diversos pensamentos.

Diante da imposição de saber e de um sujeito epistêmico único, cabe-nos perguntar como professoras e professores poderão propor práticas e currículos que estejam abertos à comunidade, rompendo com muros que muitas vezes nos impedem de avançar em pautas diversas e decoloniais? Como valorizar processos educacionais que promovam justiça social e econômica? Como valorizar nas escolas as diferentes culturas, territórios e diferentes saberes?

Não existem respostas prontas para tais inquietações, no entanto, acreditamos que estas são necessárias para reinterpretarmos a formação de professores e professoras a partir de epistemes insurgentes e insubordinadas, pois, precisamos “abrir a cabeça e o coração para conhecer o que está além da fronteira do aceitável para pensar e repensar, para criar novas

visões...” (bell hooks, 2017, p. 24).

Significa questionarmos conhecimentos considerados válidos, viáveis no campo da formação docente, construídos a partir de currículos e práticas pedagógicas carregadas de preconceitos, silêncios e omissões, e apontar direções outras para uma concepção mais aberta da formação docente, onde “as “vozes” de todos e todas, conforme Canen e Xavier (2011), sejam ouvidas, consideradas e debatidas.

Daí a necessidade de propor, como bem afirma Autora (2021), uma prática educativa que envolva a capacidade do educador de somar conhecimento, afetividade, criticidade, respeito, ação, incentivar o diálogo e junto com o seu educando trabalhar na direção de transformar o mundo. (Autora, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa não é para falar sobre as histórias de vida e formação de professoras negras, mas elas falarem das suas subjetividades e percepções, abarcando as vivências e as intersecções as quais estão submetidas, no sentido de pensar a formação com elas, e não para elas, a partir das suas experiências, princípios, olhares e vozes que falam de si, pensam a si, traduzindo a importância dos saberes e dos processos reflexivos dessas mulheres, valorizando-os enquanto conhecimentos legítimos.

Uma pesquisa que se sustenta no reconhecimento dos múltiplos saberes que atravessam as suas histórias de vida e formação, por acreditarmos na necessidade de aprendermos e caminharmos, cientificamente falando, com as vozes de pessoas que, na constituição da colonialidade, tiveram suas trajetórias pessoais e coletivas silenciadas, no sentido de conceder-lhes o papel de atrizes/atores, autoras/autores de sua própria história.

Esperamos, enquanto resultado da pesquisa, contribuir com estudos na academia e na Rede Municipal de Ensino de Salvador-Ba, que reinterpretam a formação de professoras e professores a partir de conhecimentos construídos com bases assentadas na diversidade epistêmica, para além das epistemologias coloniais e dos conhecimentos eurocentrados e isto perpassa por ouvir e interpretar as diversas realidades, como bem afirma Gomes (2018), para além da perspectiva acadêmica eurocentrada e colonial.

Precisamos “nos rebelar e prestar uma desobediência insurgente a favor das diversas alteridades e semear nas gretas para gerar o novo e fazer a história renascer” (WALSH, 2017), e olhar para tudo que foi encoberto ao longo da história e sair da ideia de *uni*, do ser branco, ocidental, acadêmico e abrir para outras epistemologias e outros tipos de pensamentos, a favor de transformar a realidade posta, tendo como princípios o diverso, múltiplo, pluri, hetero.

Palavras-Chave: Formação de professoras e professores; Professoras negras; Perspectivas decoloniais.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiana e CRUZ, Ana Cristina. A diferença e a diversidade na educação. 2 Revista Contemporânea, n.2, p. 85-97, jul-dez, 2011

CANEN, Ana e XAVIER, Giseli Pereli de Moura. Formação continuada de professores para a diversidade cultural: ênfases, silêncios e perspectivas. Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 48 set.-dez. 2011.

AUTORA. In Live. Formação na EJA: elementos curriculares na perspectiva freiriana., 2021..Link:<https://meet.google.com/evn-boed-gvq>

DIAS, Alder e ABREU, Waldir Ferreira de. Didáticas decoloniais no Brasil: uma análise genealógica. **Educação**, Santa Maria, v. 45, 2020.

FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículo. In.: BERNADINO-COSTA, Joaze, MALDONADO-TORRES, Nelson e GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. (Coleção Cultura Negra e identidades).

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade**; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - 2. ed. - São Paulo: Editora WMF Martina Fontes, 2017.

MARCON, T. Epistemologia e política educacional: contribuições de Santos e Wallerstein. **Revista de Estudios y epistemológicos em política**. v. 1 n.1, jan/jun 2016.

RIBEIRO, Djamila. Apresentação: Feminismos plurais. In: AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade** / Carla Akotirene. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.

WALSH, Catherine. “**¿Interculturalidad y (de)colonialidad? Gritos, grietas y siembras desde Abya Yala**,” en Poéticas e políticas da linguagem em vias de descolonização, A. Garcia Diniz; D. Araujo Pereira; L. Kaminski Alves (org.). Foz do Iguaçu, Brasil: Universidad de Integración Latinoamericana, 2017a, pp. 19-53.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir TOMO II**. Pensamiento decolonial. 1 era. edición: Ediciones Abya-yale. Quito-Ecuador, 2017.